

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

CESAR BISINOTO JERICÓ

**NAS TRILHAS DE HERMANN HESSE: A NOÇÃO DE ALTERIDADE
EM SEU PERCURSO LITERÁRIO**

Uberlândia, março de 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

CESAR BISINOTO JERICÓ

**NAS TRILHAS DE HERMANN HESSE: A NOÇÃO DE ALTERIDADE
EM SEU PERCURSO LITERÁRIO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em História, no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Christina da Silva Roquete Lopreato.

Uberlândia, julho de 2010

JERICÓ, Cesar Bisinoto. (1983)

Nas trilhas de Herman Hesse: A noção de Alteridade em seu percurso Literário– Uberlândia, 2010.

45, pgs.

Orientadora: Christina da Silva Roquete Lopreato.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História

Inclui Bibliografia

Palavras-chave: História, Literatura, Alteridade, Herman Hesse.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

NAS TRILHAS DE HERMANN HESSE: A NOÇÃO DE ALTERIDADE
EM SEU PERCURSO LITERÁRIO

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Christina da Silva Roquete Lopreato – Orientadora

Prof. Dr. Antonio de Almeida

Prof. Ms. Edeílson Matias de Azevedo

RESUMO

Esta pesquisa visou compreender e problematizar a partir da obra literária de Hermann Hesse – *Demian* - aspectos presentes na constituição da sociedade alemã no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, escolhendo como ponto de partida para a reflexão histórica a questão da alteridade - ligada diretamente as relações entre os indivíduos- pois acreditamos que por meio desta podemos perceber como as tensões sociais, políticas e religiosas presente em tal período, recaíam na maneira de se pensar o “outro” e a própria diversidade.

AGRADECIMENTOS

Esse é o momento de registrar a importância daqueles que contribuíram de forma direta ou indireta na realização dessa pesquisa. Gostaria também de evocar as lembranças daqueles que, de alguma forma, fazem parte de mim mesmo.

Em primeiro lugar, agradeço com meus mais profundos sentimentos a pedagoga Aparecida Xavier Bisinoto, minha vida, minha mãe! Seu amor incondicional sempre me alimentará, porém, não consigo expressar em palavras o que sinto. Assim como não há o que possa dizer de minha irmã, Roberta Bisinoto Jericó, minha futura terapeuta ocupacional.

À todos meus queridos familiares, tios, tias, primos, em especial a meu tio Jair Bisinoto, o qual considero como o pai que não tive.

Agradeço à professora Dr. Christina da Silva Roquete Lopreato por me incentivar a seguir adiante quando parecia não haver mais caminhos.

Aos membros formadores da banca de defesa professor Dr. Antonio de Almeida e MS. Edeílson Matias de Azevedo. Fica aqui meus profundos agradecimentos por aceitarem o convite.

Ao secretário da coordenação do curso de História João Batista, cujo apoio e amizade significa muito para mim. Aos professores Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior e Dr. Guilherme Amaral Luz, cujas aulas ao longo do curso me propiciaram importantes momentos de reflexão.

Aos “irmãos” com que a vida me presenteou desde minha infância: Frederico Regis de Oliveira, e família, e, Manoel Carlos Nasser de Oliveira, e família.

Aos amigos que contribuíram diretamente na produção de minha monografia através conversas, reflexões, conselhos e, sobretudo, por compartilhar minhas dificuldades. São eles: Paulo Renato Rodrigues Duarte, Leonardo Latini e Leandro Roberto de Bessa.

À todos que me proporcionaram felicidade, aventura e ensinamento. São eles (as): Aline Pimentel Romani, Ana Lucia Berbel Meneghelli, Ana Tereza da Silva Nunes, Antonio Augusto (gutão), Carlos Roberto de Oliveira, Cristiane Nogueira, Diogo Brito, Edson de Souza Cunha, Fauster (James), Gabriel Araujo de Oliveira, Gabriel Pelízer, Geraldo Vinicius de Freitas, Gerson Procópio, Hilddenbergue Francisco, Homero (o junkie), Hudson Rodrigues, Karla Lima, Leonardo (caverna),

Luiz(música), Malthus Henrique, Márcio Spaolonse, Marco Túlio Fraga, Pedro Ivo, Renata Resende, Tarcisio Ribeiro e Thais Momenté.

Enfim, agradeço a todos que iluminaram meu caminho ao longo de todos esses anos de vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I: HERMAN HESSE: O ESCRITOR EM SUAS OBRAS	11
CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE EM DEMIAN	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

Cada livro que lemos agita sempre nossa bússola interior. Cada autor nos mostra como o mundo pode ser enfocado sob outros pontos de vista diversos. Aos poucos, vai cessando a oscilação, e a agulha volta a indicar a antiga direção que as tendências de nosso próprio ser lhe davam. Assim acontece sempre comigo, quando faço uma pausa em minhas leituras. Podemos ler muito, e um solitário amigo da leitura respeita os livros e o que eles dizem, do mesmo modo como um homem educado respeita os outros homens. Fico às vezes admirado de quanto proveito as leituras nos trazem. Mas, depois, é preciso de novo deixar tudo de lado e, por algum tempo, caminhar pelas florestas, sentir o ar e as flores, as nuvens e o vento e reencontrar aquele tranquilo ponto, a partir do qual o mundo se nos abre em sua unidade. (HERMAN HESSE)

INTRODUÇÃO:

Podemos dizer que esta pesquisa teve origem durante a disciplina de Oficina de Prática Pedagógica, no ano de 2007. Foi durante a mesma, ministrada pela professora Christina da Silva Roquette Lopreato, que desenvolvi minhas primeiras noções sobre a temática da alteridade.

Apesar do pouco tempo dedicado a tal tema, um semestre letivo, passei a sentir, a partir de então, certo interesse em compreender melhor a questão da alteridade e suas implicações nos mais diversos âmbitos das relações humanas. No entanto, mesmo ciente da urgência de tal temática, relativamente pouco trabalhada pelos historiadores, não vislumbrei posteriormente nenhuma oportunidade para me aprofundar em tal assunto.

Foi somente ao longo do segundo semestre de 2009, quando enfrentava um angustiante processo de escolha de tema para a realização de minha monografia, que enxerguei a possibilidade de restabelecer contato com a temática citada. Restava, portanto, definir um objeto de pesquisa, através do qual fosse pertinente desenvolver a questão da alteridade. Foi então, após conversas com a professora Christina, que defini como objeto de pesquisa uma obra literária.

Dentre diversas obras propícias para aprofundar na questão da alteridade, uma exercia uma forte atração sobre mim. A leitura da mesma me impactou. Muitos dos conflitos representados na mesma, de certa forma se assemelhavam às minhas próprias inquietações.

Tal obra é o romance *Demian* (1919), de autoria do escritor alemão, naturalizado suíço, Herman Hesse. Após uma releitura atenta do livro, vislumbrei com maior intensidade a pertinência da mesma em relação à temática desejada. Acredito que mesmo se tratando de um escritor estrangeiro, o que implica certa limitação por estar lidando apenas com a tradução da obra, as questões colocadas extrapolava quaisquer limitações de tempo e espaço.

Em linhas gerais, a obra relata a trajetória do protagonista Emil Sinclair destacando determinados conflitos existenciais enfrentados pelo mesmo ao longo da passagem de sua adolescência para a vida adulta. Nesse percurso, que marca profundamente a formação de sua personalidade, o reconhecimento da alteridade mostra-se fundamental.

Nesse sentido, o que pretendo com esta pesquisa é mergulhar na narrativa da obra identificando a contribuição do autor em relação a questão da alteridade. Creio que, ao contribuir em relação a tal questão, a obra analisada representa um importante meio de posicionamento político, anseia, sobretudo, a desconstrução de determinados paradigmas referentes à condição humana e às formas como se dão as relações humanas na sociedade.

Pretendo buscar, através da construção de três personagens da obra, elementos que evidenciam diferentes formas de se pensar a questão da alteridade, considerando que os mesmos, a partir do ponto de vista do protagonista da obra, representam o “outro”.

O primeiro será Franz Kromer, personagem associado pelo protagonista da obra ao “outro” enquanto um inimigo, representante de alguns valores moralmente inferiores em relação aos valores do protagonista. O segundo personagem analisado será Demiam, cujo contato com Sinclair sugere uma outra perspectiva de alteridade, visto com “outro”, porém, “almejado em seus múltiplos significados”. E por último, será analisado a personagem Eva, que representa a própria possibilidade da alteridade, visto que a mesma representa o “outro” enquanto o próprio “eu” em sua totalidade.

Sendo assim, pretendo primeiramente fazer um breve levantamento do debate historiográfico a respeito da utilização da literatura como fonte de pesquisa em história, estabelecendo assim bases metodológicas para a realização da mesma. Considerando, sobretudo, que, atualmente, a utilização da literatura como fonte de pesquisa em História não é mais novidade entre historiadores.

A diversificação do repertório de fontes e as transformações do próprio conceito de fonte estiveram constantemente em pauta nos debates historiográficos ao longo do século XX. Os processos de renovação da historiografia, desencadeados inicialmente na França com as publicações de historiadores ligados à revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, consolidaram um novo conceito de História no qual se tornou importante a idéia de interdisciplinaridade. Nesse sentido, foi superada a noção de História-Verdade que, por sua vez, era ancorada apenas em documentos políticos oficiais. Contrapondo-se à historiografia político-factual da Escola Metódica, foi colocada em pauta uma História-problema, orientada para a compreensão da complexidade e da totalidade das experiências humanas.

Sendo assim, pensamos a literatura como arte produtora de subjetividades sensíveis ao ofício dos historiadores. Concebemos assim a literatura enquanto

interpretação da realidade, tornando-a legítima visto os elementos sociais que compõem sua narrativa assim como as circunstâncias do meio que influenciaram na sua produção e até mesmo sua função na sociedade. Enquanto fonte de pesquisa se destaca, dentre outros, pois:

[...] a criação literária revela todo o seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundo dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção. (SEVCENKO, 2003:246)

Sem perder de foco a própria obra nas análises literárias enquanto expressão de arte, podemos dizer que a literatura interage intimamente com o contexto social no qual o autor se encontra inserido, tanto em relação a sua produção quanto aos papéis que lhe são atribuídos historicamente. Segundo Sevcenko,

[...] o notável é como esse conjunto de circunstâncias históricas se intersecciona com o processo de criação artística, de modo a vir a constituir um elemento fundamental da própria estrutura internas das obras de cada autor” [...] O autor concebe a literatura enquanto “um processo, homologado ao processo histórico, seguindo, defrontando ou negando. Porém referindo-o sempre na sua faixa de encaminhamento própria. Nem reflexo, nem determinação, nem autonomia: estabelece-se entre os dois campos uma relação tensa de intercâmbio mas também de confrontação. (SEVCENKO, 2003:232)

Nesse sentido, um importante elemento que devemos ressaltar, no caso de uma pesquisa historiográfica tendo como objeto a produção literária é o da periodização. A ficção literária em sua construção está ancorada em um período histórico determinado e específico, o que justifica um trabalho de contextualização da obra no tempo e no espaço

Podemos assim dizer que um dos papéis fundamentais da literatura é o de, ainda que individualmente, introjetar valores morais. A literatura sensibiliza, aperfeiçoa as pessoas para lidar, através da imaginação, com o “outro”. Através da leitura de uma obra e da capacidade de imaginação, o indivíduo sai de si para pensar o “outro”. Nesse sentido, concluímos que dentre muitos papéis atribuídos à literatura, o que se aproxima mais com nossas convicções expostas nesse trabalho é o de que a literatura serve para sensibilizar. Ao escrever um romance, o autor pretende, dentre outras, sensibilizar seu público para as questões que lhe são urgentes. Segundo Sevcenko:

A literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendre idéias ou fantasias somente para instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo, como os demiurgos da lenda grega faziam. (SEVCENKO, 2003:233)

Contudo, o escritor cria uma narrativa própria dos fatos, transformando-os em obras literárias e, ao mesmo tempo, em obras políticas, ou seja, traz em sua narrativa elementos reais e simbólicos que se unem, estabelecendo uma espécie de inter-relação entre o processo de criação literária e o processo histórico vivido.

Diante tais reflexões, percebemos a necessidade de desenvolver uma metodologia de pesquisa que insira o autor e seus leitores, ampliando-se assim as possibilidades de interpretação da obra.

Esta liberdade (brincar com a realidade, alterando-a pela imaginação) mesmo dentro da orientação documentária é o quinhão da fantasia, que as vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Acha, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr risco de uma perigosa simplificação casual. (CANDIDO, 1985:13)

Diante disso, este trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro, foi feito um balanço da crítica literária sobre o autor no Brasil, destacando alguns elementos importantes para uma reflexão mais ampla do universo do autor. Foi, portanto, o momento de situar a produção literária do autor, tanto em relação ao universo da literatura, quanto em relação à crítica literária. Sendo assim, recepção crítica do “escritor mais lido do século” - nas palavras de Erwin Theodor (THEODOR, 1990:79) - vida e sua vasta produção literária. Esperamos com isso entender como se deu a nos permitirá um olhar mais amplo para compreendermos melhor a sua trajetória de construção da visão de mundo do autor, ao longo dos processos históricos compreendidos em suas obras, assim como as mesmas repercutiram e ganharam significados ao longo do tempo.

Já no segundo capítulo, foi feita uma análise mais profunda da obra *Demiam* (1919), buscando evidenciar a presença da questão da alteridade no âmago do pensamento do autor. Nesse momento, tentaremos encontrar, na obra analisada, elementos da narrativa que tragam à tona o posicionamento do autor em relação a questões que envolvam a relação entre os indivíduos e a sociedade de uma forma geral.

Assim, acreditamos que a análise das metáforas contidas na obra, buscando os significados e simbolismos os quais possam nos revelar sinais de suas referências históricas, possibilitam o passado se manifestar em nosso tempo presente.

É a partir de tais pressupostos que pretendemos nos aprofundar na temática da alteridade, a partir de questões próprias de nosso tempo. Como lidamos com as diferenças, em um mundo cada vez mais marcado pela exclusão do “outro”? Como esse processo de exclusão pode ser sentido em nossa própria realidade? De que maneira a questão da alteridade pode ser pensada enquanto fator primordial para a elevação dos valores da humanidade, em contraponto à idéia de competitividade e determinações naturais?

Nesse sentido, questionamos o que estava acontecendo no mundo durante a virada do século XIX para o XX para que surgissem obras literárias descrevendo um mundo cada vez mais autoritário, em que as formas de ordenamento social se faziam, sobretudo, pelas mãos do Estado e da Igreja que direcionavam seus esforços para a implementação de formas de controle ainda mais violentas?

CAPÍTULO I: HERMAN HESSE: O ESCRITOR EM SUAS OBRAS.

Neste capítulo, faremos uma breve apresentação de Herman Hesse, destacando algumas de suas obras e produzindo um balanço da trajetória artística e individual do escritor. Assim, tentaremos relacionar eventos, acontecimentos e tendências políticas e literárias incorporados nas obras de Hesse, revelando a importância das mesmas para diferentes gerações de leitores e para a própria compreensão de aspectos da história da humanidade, principalmente no que tange a questão da formação do indivíduo e a ideia de alteridade.

Primeiramente, nos deparamos com muitas dificuldades em levantar fontes e trabalhos acadêmicos que evidenciam aspectos do universo hesseniano. Nas orelhas dos livros ou nas breves notas dos jornais em que se falavam sobre o mesmo, havia pouco mais que os elementos de sua nacionalidade e origem, ou, um ou outro aspecto de sua trajetória.

As pesquisas bibliográficas realizados nos arquivos da Universidade Federal de Uberlândia apontaram para um autor muito pouco estudado, apesar da grande quantidade de obras suas já traduzidas. Acredito que se me limitasse a levantar fontes nos arquivos da cidade de Uberlândia este capítulo se tornaria inviável. No entanto, após pesquisar alguns sites acadêmicos através da internet¹, pude constatar que, apesar da carência de material sobre Herman Hesse, existem no Brasil pesquisas importantes sobre a vida e a obra do mesmo.

Refiro-me a trabalhos como o de João Paulo Francisco de Souza, que em sua dissertação de mestrado na área de Letras, intitulada “Um lobo nos trópicos: a recepção crítica de Herman Hesse no Brasil”, além de realizar um estudo interessante sobre a recepção crítica de Herman Hesse no Brasil, transcreveu, às custas de uma ampla pesquisa, diversos escritos publicados sobre o autor em alguns periódicos no Brasil, ao longo do século XX e início do século XXI. Com isso, podemos refletir sobre a obra de Hesse em si e a repercussão de seus escritos ao longo do tempo, e ainda, buscar aproximações do mesmo em relação a outros importantes autores contemporâneos ao mesmo.

¹ Foram pesquisados sites acadêmicos a partir do site Google acadêmico. No entanto, o único material extraído e utilizado diretamente na pesquisa foi a dissertação de mestrado citada anteriormente.

Segundo João P. F. de Souza, “os textos compilados e transcritos abrangem o período de 1946 até 2005. O levantamento dos mesmos ocorreu nas bibliotecas da Universidade de Marília (UNIMAR), Fundação Eurípides de Soares da Rocha (UNIVEM) e Universidade Estadual Paulista (UNESP - FFC). Em Assis, foi consultada a Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP - FFCL) e o acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP). Em Campinas, foi consultada a biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), a biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), a Biblioteca Central da Unicamp e ao acervo do Centro de Documentação (CEDAE).

Em São Paulo, foram consultadas a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, a Biblioteca Presidente Kennedy, a biblioteca do Centro Cultural São Paulo, a Biblioteca Haroldo de Campos, o acervo do Arquivo do Estado, o acervo do Banco de Dados da Folha de S. Paulo, o acervo do Instituto Goethe, o acervo do Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM), a biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e a biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Biblioteca Central - FFLCH). Nas fontes pertinentes às bases de dados em meio eletrônico o acesso incluiu o Banco de Dados Bibliográficos da UNESP (Base ATHENA e Base ALEPH), da USP (DÉDALUS), da UNICAMP (ACERVUS), a base UNIBIBLI e CRUESP (ambas integram os acervos de livros e teses das bibliotecas da USP, UNESP e UNICAMP), Catálogo on line da Biblioteca Nacional, IBICT, Scielo, CAPES, Plataforma Lattes, além dos sites de buscas – como Google e Cadê”.

Os textos constituem, em sua maioria, resenhas críticas produzidas em diferentes circunstâncias ao longo do século XX. Cabe lembrar que não tivemos acesso aos textos originais, nos limitando, assim, à análise das transcrições publicadas em anexo no seu trabalho de dissertação de mestrado mencionado anteriormente

De uma forma geral, pouco se sabe da vida e da personalidade de Hermann Hesse. Conhecem-se os seus livros e um ou outro traço da personalidade do mesmo. No Brasil, as referências ao autor se tornaram mais correntes após a primeira publicação, em português, de *O lobo da estepe*, no ano de 1930.

Segundo Christl Brink:

O primeiro sucesso de Hermann Hesse no Brasil data de 1930, com a publicação de *O Lobo da Estepe*, traduzido por Augusto de Souza e publicado pela Editora Cultura. Logo em seguida, a mesma editora lançou o *Demian*. A segunda fase do prestígio de Hesse no Brasil começou após a sua

morte, em 1962, sendo talvez influenciada pela euforia com que os norte-americanos aceitavam a obra do autor nos anos entre sessenta e setenta. (BRINK, 1980:234)

Outro problema enfrentado foi a dificuldade de acesso à biografia oficial do autor, escrita por Hugo Ball (1927), referenciada em alguns importantes textos analisados. Diante disso, destacaremos alguns aspectos da trajetória de vida do autor levantados em alguns trechos dos textos críticos. Apesar do caráter fragmentado das referências sobre a biografia do autor, acredito que seja o suficiente para colaborar com os propósitos desta pesquisa.

Encontramos, assim, uma pequena síntese da biografia do escritor alemão, sugerida por Erwin Theodor (THEODOR, 1990: 128). Buscaremos, através da mesma, vestígios sobre a origem do autor e, conseqüentemente, sobre as próprias origens de seus conflitos individuais.

Segundo Theodor:

Hermann Hesse teve uma juventude acidentada e aventureira. Nascido em Calw, na província de Wurtemberg, era filho de um missionário que procurou dar-lhe formação religiosa. Foi estudante de seminário em Maulbronn, mas desertou a teologia, tornando-se aprendiz de mecânico e, depois, auxiliar em sua casa comercial. Dos 18 aos 26 anos trabalhou em livrarias em Tuebingen, velha cidade universitária alemã, e em Basileia, sede de famosa universidade suíça. Desde 1904 dedicou-se exclusivamente à literatura, tendo realizado antes da primeira guerra mundial, demorada viagem pela Índia. Já em 1923 naturalizou-se cidadão suíço e desde então vive, excetuando-se breves intervalos, em Montagnola, nas proximidades de Lugano. (THEODOR, 1990: 214)

Através desta passagem, podemos perceber o quanto os valores protestantes, que tanto o inquietavam, apresentavam-se intensamente no interior de seu próprio convívio familiar. Seu pai, missionário protestante, personificava a rigidez de tal doutrina religiosa. A deserção em relação à formação religiosa configura-se como um dos principais sinais de um adolescente incomodado com as convenções impostas no seio da sociedade na qual viveu. Foi ainda durante a adolescência do autor que aconteceu o primeiro rompimento em relação as forças religiosas que tanto lhe reprimia a livre manifestação do indivíduo e limitava a compreensão dos outros em sua alteridade.

Vejamos, a seguir, outro autor que pensa essa rejeição ao sacerdócio como ponto de origem de sua revolta contra a sociedade na qual viveu.

Segundo Acyr Castro.

Aos 13 anos, abandonando a escola de Maulbronn, e mais tarde o Gimnasium, de Constanz, Hermann faz uma jura: “Ser poeta, ou nada”. Iniciava, assim, uma carreira de negação (todo grande escritor não interpreta e sim se opõe ao seu tempo, adverte Benedetto Croce) que é a marca dos inconformistas, dos que não se afinam pela chave comum dominante, dos que preferem a solidão a ter que dizer “amém” a tudo e a todos – o mundo avança pela rebeldia dos inconformados, lembra Franklin de Oliveira em seu estudo. E Hesse dizia “não” a muita coisa: às teorias pietistas, à rígida disciplina escolar, ao ensino nacionalista de orientação prática. (CASTRO, 1977: 211).

Através desta citação, podemos perceber que não apenas a religião o inquietava, como também fatores como a “rígida disciplina escolar e ensino nacionalista de orientação prática”. Portanto, esses são aspectos de sua própria biografia trazidos para algumas de suas obras, como por exemplo, *Demian*.

Outro sinal dessa personalidade rebelde e avessa a determinados tipos de convenções, que o marcaria desde o início de sua adolescência, pode ser notado através de uma carta que o mesmo teria escrito para seu pai. Segundo Flavio Moreira Costa:

Aos 15 anos, Hesse escrevia, numa carta zangada a seu pai: “Não obedeco e não obedecerei nunca”. Era o começo de uma revolta que marcaria sua vida; revolta contra o pai, contra a família, contra o nacionalismo germânico que encaminharia o mundo para duas guerras mundiais e, contra a religião... E no processo dessa transformação ele jogou sua vida, mantendo-se quase sempre afastado de todos (nem o prêmio Nobel ele recebeu pessoalmente) produzindo livros e mais livros, pintando aquarelas, sendo analisado (por Jung em pessoa), alertando seus compatriotas para os perigos do germanismo cego e excessivo - o que lhe valeu uma série experiências desagradáveis (chegou a ser considerado traidor). Individualista, muitas vezes suas posições coincidiram com a História. (COSTA, 1976 :204)

Diante tais considerações iniciais, torna-se indispensável revelar a jornada em que o escritor, desde a infância, opôs-se à casa paterna, tendo uma vida marcada por várias fugas e conflitos. Acreditamos que nas análises das obras de Herman Hesse, sua experiência pessoal deve ser levada em consideração, principalmente por ter buscado em sua própria trajetória de vida questões transpostas para a literatura.

Segundo Sevcenko:

O ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor. [...] voltar a atenção para a situação particular do literato no interior do meio social e para as características que se incorporam no exercício do seu papel em cada período. (SEVCENKO, 2003:247)

Nesse sentido, torna-se profícuo a apreciação da crítica literária sobre o mesmo.

Percebe-se na crítica literária, de uma forma geral, a preferência por abordagens biográficas. Muitas características individuais do escritor se assemelham a determinadas peculiaridades encontradas na construção de seus personagens. Segundo Moraes (MORAES, 1946: 1), “O romance de Hermann Hesse é desses livros que nos despertam um vivo desejo de conhecer muito do seu autor”.

Ana Lúcia Enne, professora da Universidade Federal Fluminense, destaca as relações entre escritor e personagens no livro “*O lobo da estepe*”:

Não há como negar o paralelo entre a vida de Hermann Hesse e sua obra literária. Assim como seus personagens empreenderam diversas viagens em busca da verdade interior, [...] também o autor trilhou em sua vida caminhos similares [...] Como aconteceu com Hesse em sua vida real, vários de seus personagens precisam romper com a infância luminosa e protegida de uma família burguesa e pietista.(ENNE, 2005: 96).

Enne sugere vínculos ideológicos entre personagens e o autor, que reagem semelhantemente frente ao modo de vida burguês. Tal ligação é sugerida na própria nomeação de alguns personagens:

Com Harry Haller, de *O lobo da estepe*, a relação de conflito que marca a obra de Hesse em relação ao fascínio exercido pelo mundo burguês sobre o indivíduo aparece ainda mais claramente. Harry Haller (cujas iniciais HH já remetem a um caráter autobiográfico direto, apenas umas das brincadeiras estilísticas feitas por Hesse com sua projeção pessoal sobre a obra) é o antiburguês em todos os sentidos. (ENNE, 2005:98).

Outro aspecto importante para se pensar a inclinação de Hesse pela literatura, se refere ao período após as primeiras fugas em relação à carreira sacerdotal; quando ele se tornou aprendiz de livraria. Foi através desta ocupação que Hesse se lançou no universo intelectual, conhecendo algumas pessoas do ramo e publicando seus primeiros escritos em revistas locais. Tais circunstâncias teriam favorecido o lançamento de suas primeiras obras.

Segundo Nogueira Moutinho:

Aprendiz de livraria durante os seus anos de revolta, Hesse tinha obtido através dessa profissão contatos necessários à publicação, e, 1899, dos seus *Romantische Lieder* (Contos Românticos), a que se seguiria, cinco anos mais tarde, a novela *Peter Camenzind*, que logo alcançou numerosas edições e permitiu ao poeta dedicar-se com exclusividade à literatura. (MOUTINHO, 1971:169)

Percebe-se, assim, que desde cedo Herman Hesse já demonstrava uma inclinação à literatura. Podemos pensar que foi nela e através dela que o autor procurou se expressar

em relação aos seus mais profundos anseios.

No entanto, grande parte dos críticos relega menos importância a essa primeira fase literária do autor, apontando *Demian* (1919), como obra inaugural do estilo literário que garantiria a Hesse o status de grande escritor. Segundo Nogueira Moutinho:

Apesar dos protestos que podem ser encontrados em Peter Camenzind e em Sob a Roda (1906) contra a educação coercitiva na Alemanha oitocentista até então, Hesse mantivera uma atitude literária considerada convencional, explorando uma linguagem requintada, desenvolvendo os seus tipos psicológicos. (MOUTINHO, 1971:169)

Segundo Ivo Barroso, tradutor de *Demian* para o português, tal obra representou uma mudança fundamental na escrita do autor:

O arranque representado por *Demian* é, entretanto, mais significativo se se tem em conta seu valor de quebra-diques na própria contenção formal e emotiva da obra de Hesse. Até então, a despeito dos gritos convencionais de revolta contra a educação coercitiva do novecentismo germânico, representados por PETER KAMENZIND (1904) e UNTERM RAD (“Sob a Roda” - 1906), seus escritos estratificam o burilar correto e neo-romântico de um mestre-escola provinciano, pontilhado de descrições de um gosto artifice, mas onde o olhar se coloca numa posição alpina, de contemplação para baixo, paisagística. É exatamente com DEMIAN que o enfoque se modifica: a contemplação se volta para si mesma e vai buscar no interior do próprio personagem a visão multilateral do mundo; a perspectiva se intromete na própria vivência autobiográfica e o autor ousa ser ele e proclamar sua mensagem. Esse novo elemento até então ausente na obra literária de Hesse transforma por completo sua essência: de estilista requintado, mas restrito, se torna um dos valores mais originais e profundamente humanos de literatura alemã da primeira metade do século. (BARROSO APUD HESSE, 1970: 1)

É a partir dessa nova perspectiva literária apontada que o autor torna-se importante em relação ao tratamento da questão da alteridade. Acreditamos que à medida em que procura compreender a si mesmo, questionando sua própria condição, Hesse derruba paradigmas que limitavam a compreensão do “outro”, estabelecendo ligações entre o auto-conhecimento e a alteridade.

Segundo Otto Maria Carpeaux, as questões levantadas em *Demian*, juntamente com sua forma intimista de construir a narrativa, destacou o mesmo perante o público literário na Alemanha:

Demian, interessantíssimo como documento psicológico de uma morte e ressurreição espirituais – Hesse é um “twice Born” no sentido da psicologia de William James – não é uma obra de permanente valor literário. A releitura, hoje, seria decepcionante sobretudo pelo estilo febril que reflete as

perturbações daqueles dias. Mas a mocidade alemã de 1919, mortalmente ferida em tôdas as suas aspirações e procurando novo sentido da vida, reconheceu em Demian as suas próprias angústias e reivindicações. O livro de “Sinclair”, autor até então desconhecido, conseguiu êxito fulminante. E quando chegara a saber o verdadeiro nome do autor de Demian, proclamaram o poeta romântico de outrora como líder espiritual da mocidade moderna. Hesse assumiu a sua nova responsabilidade política. Lançou vários panfletos em favor do pacifismo, da democracia, de um socialismo religioso, chamando a atenção para o sentido de Dostoiewski e da literatura russa, para a sabedoria do Oriente, da Índia e China. Convencido, como muita gente está, do “Ocaso do Ocidente” Hesse não se intregou no entanto a um pessimismo desesperado; no Oriente procurava novas fontes de vida espiritual, e nisso também o poeta se encontrou com correntes da época: por volta de 1919 e 1920, os pacifistas gostavam de citar os sábios chineses, e a mística hindu foi bastante cultivada em conventículos mais ou menos aristocráticos. Modas que passaram. Foram desiludidas todas essas esperanças. O que ressucitou foi o mundo do capitalismo e imperialismo. A mocidade alemã, enquanto não se tornou comunista antes de tornar-se nazista, sucumbiu ao comodismo da prosperidade aparente do “l’entre-deux-guerres”. O autor de Peter Camenzind e Demian foi novamente esquecido. (CARPEAUX, 1974: 119)

Desse modo, buscam na formação de Hesse sua personalidade individual e sua escala de valores, identificando-o principalmente à uma “mocidade moderna” em busca por respostas para seus recorrentes conflitos. Assim, segundo Brink, as obras de Hesse,

Durante longos anos, têm encontrado um público leitor do qual a maior parte é jovem [...]. Principalmente nas suas obras da fase inicial aborda problemas típicos da juventude, tais como solidão, busca da individualidade, desprezo pelo dinheiro e pela sociedade burguesa. (BRINK, 1980: 2).

O caráter autobiográfico em *Demian* é acentuado, reforçando essa tendência, como se nota em Menezes:

O tema central do livro é a luta entre a dualidade do mundo luminoso e do mundo sombrio pelo qual transita Sinclair, - personagem autobiográfico - na busca da edificação de sua personalidade. (MENEZES, 1977:s/p)

Segundo Nogueira Moutinho:

O caminho desse personagem autobiográfico abrange o laborioso apagar das marcas que uma educação puritana deixa impressas na alma adolescente: a timidez, o alheamento, a humildade excessiva, armas inadequadas para a violência do mundo real e que produzem mais tarde a solidão, o desajustamento, a revolta surda. Demian reflete claramente a tendência a introduzir na literatura os postulados de freudismo, que estava na ordem do dia, e de que Hesse era um estudioso apaixonado (ele chegaria a pôr-se aos cuidados do Dr. J. B. Lang, psicanalista de Lucerna, quando foi atacado pela neurastenia depois da Primeira Guerra Mundial). Daí a presença constante,

no livro, do onirismo, de um complexo de Édipo encoberto, das reminiscências de ciências hermética . (MOUTINHO, 1971:169)

Percebe-se que em *Peter Camenzind*, em *Demian*, e no *Lôbo da Estepe*, o conflito é no fundo idêntico, em níveis diferentes: a procura do equilíbrio entre a natureza instintiva e o espírito racionalista do homem moderno. A preocupação em relação a liberdade do indivíduo é uma questão permanente nas obras de um escritor que viveu com a constante presença de guerras; sintomas maior do ódio e da intolerância entre os homens.

Em outra obra, *Sidarta* (1922), podemos constatar, ainda, a relação do escritor com elementos místicos do oriente, proveniente, dentre outros, em decorrência de viagens à Índia; local de origem de seus avós maternos.

Segundo Nogueira Moutinho:

Com *Sidarta* (1922), o panorama transfere-se para o Oriente. Mas essa viagem transatlântica é apenas externa. O livro – que nunca foi bem considerado entre os orientalistas – é uma transposição para o cenário indiano da revolta de Hesse contra o pietismo que reinava na casa de seu pai. *Sidarta*, filho devoto dos bramânes, não encontra a paz nas doutrinas de seus pais, nem no ascetismo, nem no prazer dos sentidos. Não pode, também aceitar a doutrina de Buda: como Hesse escreve, “não, ninguém que procura sinceramente pode aceitar uma doutrina. Mas aquele que a encontrou, esse pode dizer sim a todas as doutrinas”. “O homem busca”, continua Hesse, “encontra finalmente a paz, escutando a grande corrente, entregue ao fluir, pertencendo à Unidade. (MOUTINHO, 1971:169)

Sidarta é um bom exemplo da necessidade de se pensar o “outro” enquanto meio de se conhecer a si mesmo. A busca por explicações no mundo oriental pode ser interpretada como uma forma do autor se encontrar como indivíduo através do “outro”.

No entanto, o que se comprova a partir de uma análise panorâmica de todas as suas obras é que Hesse dialogou com diversas correntes de pensamento à procura de respostas aos seus recorrentes conflitos. Com isso, percebe-se que a busca por respostas às suas inquietações sempre foram permeadas pela idéia de transformação, que implica em uma recusa a um ponto de vista estático e definitivo. O que nos interessa é entender como algumas de suas obras literárias, enquanto fruto de suas próprias inquietações, contêm elementos pertinentes para se pensar a sociedade na qual o autor viveu, assim como sua contribuição para se pensar a questão da alteridade.

Hermann Hesse é também freqüentemente relacionado a uma corrente inovadora que revigorou a literatura alemã a partir do final do século XIX e, já no século XX, assumiu as características do que podemos chamar de expressionismo. Conforme Boesch (1967), “essa corrente sempre buscou projetar a imagem do homem moderno total, proveniente de traços existenciais profundos do ser humano”. O tema constante de Hesse é pois o indivíduo transgressor e solitário, consequência por não subordinar a personalidade às convenções sociais.

Nas obras literárias produzidas sob a influência desta vertente da literatura alemã, ainda segundo Boesch:

O mundo em torno foi pesquisado e revelado sob ângulos novos [...] o cosmo e a paisagem terrena, assim como a história, mereceram novas apreciações e os caminhos pareciam se abrir para o campo das experiências psíquicas, sempre contextualizadas pelos problemas políticos e sociais emergentes. (BOESCH, 1967:445)

O Lobo da Estepe, de 1927, considerado por muitos obra típica do movimento expressionista alemão, tem sido considerado pela crítica a obra-prima de Hesse; seguido de perto por *O jogo das contas de vidro*, de 1943.

Procurando outras referências sobre o Expressionismo, percebo que este se desenvolveu em diversos campos, contemplando desde a pintura de Cézanne e Van Gogh, na segunda metade do século XIX; movimentos literários e artísticos, com o surgimento de revistas de cunho político, artístico e filosófico, na Alemanha das duas primeiras décadas do século XX, tendo, por fim, seu declínio decretado pela ascensão do nazismo em 1933.

Segundo Teles:

O Expressionismo, nas suas mais variadas manifestações(literatura, artes plásticas, teatro e cinema), exprimia sobre o caos político, social e religioso que marcou a Europa, sendo inclusive influenciado pelo pensamento de Nietzsche e pelo decadentismo fin de siècle. (TELES, 1999:105).

Tratou-se, no entanto, de um movimento de caráter intelectual, em que se engajavam jovens escritores, artistas e filósofos que, no período da 1ª Guerra Mundial, se manifestaram contra a guerra e sugeriam reformas sociais radicais, tendo como princípios básicos um espírito comunitário e um humanismo universal. Sobre essa

tendência artística

No entanto, o que se observa através da trajetória pessoal de Hesse é que a conturbada vida desse escritor foi marcada por profundos conflitos existenciais, levando-o ao rompimento com qualquer forma de ação cultural coletiva, e ao consequente envolvimento com seus próprios mitos. Segundo Otto Maria:

Hesse jamais se filiou a nenhuma escola ou se deixou prender num sistema. Em todas as suas novelas há condenação do sectarismo ou dos princípios rígidos. Está em “Siddhartha” que “aquele que em verdade busca e em quem se fez carne o desejo de encontrar não devia adotar doutrina nenhuma. (CARPEAUX, 1974 : 124)

Desse modo, podemos perceber que Herman Hesse criticou, através de suas obras e de seu próprio estilo de vida, a passividade com que muitos indivíduos limitam sua própria personalidade, entregando-se aos coletivismos na medida em que acatam incondicionalmente ensinamentos e valores provenientes de doutrinas políticas, religiosas, etc...

Segundo Pedro Moacyr Campos:

A estas, o próprio Hesse denomina pessoas de dúzia: aquelas que, na melhor das hipóteses, buscam sua crença junto a uma igreja, à ciência, ou entre os patriotas e socialistas, ou em qualquer meio capaz de proporcionar uma moral, um programa ou uma receita já preparados. Por outro lado, qualquer tendência no sentido de restringir a possibilidade de expansão e de realização dos traços próprios à pessoa, merecem repetidamente a reprovação do poeta, cuja correspondência revela total aversão pelo enquadramento, pela submissão a líderes bem como pelo exercício de uma função de líder: De uma certa maneira, aliás, podemos encontrar também neste traço um elemento conduzindo a um dado educacional, tal seja, privar o indivíduo de programas fixos e de lideranças que ofusquem suas personalidade, ou ainda, que favoreçam sua inércia no sentido da realização pessoal; deveras é bem mais fácil seguir os líderes: “Necessita e anseia por um líder apenas quem não está em condições de pensar e responder por si mesmo”. O caráter radical desta atitude de incondicional preservação da personalidade manifesta-se a todo momento na obra de Hesse, oferecendo-nos mesmo, oportunidade para aferir de seu desgosto diante de uns tantos traços essenciais à nossa época, por ele tantas vezes encarada através de funda amargura. Avesso que é a programas e líderes em geral, como elementos coercitivos da personalidade, é claro que igual posição é tomada em casos particulares, dos quais se destacam com maior evidência: o totalitarismo, seja ele de direita ou de esquerda, e o nacionalismo. Ainda uma vez não nos deixa margem a dúvidas o próprio Hesse, no que toca à sua aversão por tais inclinações políticas: “Estes sistemas (totalitários) encaram o homem como quase que ilimitadamente capaz de enquadramentos em padrões políticos, o que não se verifica na realidade. (CAMPOS, 1958 :136)

Portanto, podemos afirmar que suas obras, apesar de nos apresentar a inúmeras

referencias no que diz respeito aos seus anseios íntimos de uma forma geral, trazem como mensagem principal a idéia de que cada individuo deve experimentar a liberdade de escolhas.

Diante disso, percebemos que a recepção de suas obras ao longo do tempo ganha certa importância durante o período da contra-cultura, visto que, nesse momento, suas idéias de auto-educação, relacionadas a uma forma de rebeldia, são consideradas paradigmas para se pensar os sentidos da experiência humana.

Segundo Carlos Menezes:

Hermann Hesse foi um dos escritores favoritos dos jovens da década de 60 que inventaram o que se convencionou chamar de contracultura. Dizia-se que seus livros podiam ser encontrados nas sacolas dos estradeiros da época, junto com os delírios de Lovecraft, os poemas de Ginsberg, as novelas de Burroughs, as teorias de Leary, os manifestos de Hoffmann e Rubin, textos sagrados do Oriente, como o Bhagavad Gita e o Tao Te Ching....Pode-se dizer, para resumir, que a experiência central dessa geração foi também a experiência central de Hesse em sua obra. Essa experiência consiste na verificação sensorial, afetiva e intelectual do fracasso de nossa civilização, de nossa maneira de viver, caracterizada por uma dupla repressão. Por um lado, nossa maneira de organizar a vida reprime o corpo, numa tentativa de suprimir o instinto em nome de interesses superiores do espírito, e, por outro, reprime também o espírito, praticamente proibindo a experiência de níveis superiores da consciência, em nome dos interesses materiais do corpo. Essa dupla repressão é, como se vê, antes de mais nada, contraditória – e, por isso, a busca de uma solução para ela também não estará livre de contradições.(MENEZES, 1977: 219)

Contudo, podemos observar, através dos textos analisados, que apesar de percorrer por vários temas e correntes de pensamento, Herman Hesse contribuiu bastante para a concepção de um conceito de individuo, caracterizado pelo poder de construir sua própria visão de mundo. Seu foco na primazia do individuo marca sua constante critica a sua sociedade caracterizada pela imposição religiosa e política; que gerava, dentre outros, a massificação e o conseqüente desaparecimento de indivíduos capazes de construir uma sociedade que atendesse aos desígnios primordiais da humanidade.

O balanço que se faz é que o autor é tido com bons olhos perante a grande maioria da critica literária pesquisada. Podemos encontrar, em tais autores críticos, uma série de questões que, por sua vez, são temáticas interessantes a serem pesquisadas.

CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE EM *DEMIAN*.

A modernidade e suas apropriações - afinal, ela se inventa simultaneamente sólida e volátil - contribuiu para, e continua a fazer deste outro, o atrasado, o incivilizado, o inferiorizado, o reacionário, o pervertido, o aberrante, o exótico, o provinciano, o odiado, o intolerável, o que está além das fronteiras civilizadas e civilizáveis. Outro que pode constituir-se como ameaça real, material ou imaginada - o inimigo. Ou, ainda, como um outro invejado e almejado em seus múltiplos significados. Pode, também, implodindo a lógica dual, surgir na ambivalência dos que poderíamos denominar estranhos, nem amigos, nem inimigos, capazes de fomentar a indiferença. (NAXARA, MARSON, MAGALHÃES, 2009:10)

Nesse capítulo, pretendo mergulhar no romance *Demian* (1919), encontrando no mesmo contribuições do autor em relação à questão da alteridade em um determinado contexto histórico. Procurarei, com isso, evidenciar a crítica do autor em relação à conjuntura histórica na sociedade de sua época que, de certa forma, estabeleceu práticas e valores, gerando a exclusão do “outro” em diversos âmbitos da vida cotidiana dos indivíduos. Sendo assim, tentaremos evidenciar a tensão experimentada por certos indivíduos no decorrer da formação de sua personalidade, e conseqüentemente, de sua forma de lidar com o “outro”. Nesse sentido, partimos da idéia de que a alteridade, ou seja, a possibilidade de se colocar no lugar do “outro” através da imaginação, sofre profundas influências do meio no qual o indivíduo está inserido. É através das experiências de Emil Sinclair, protagonista da obra que, iremos apontar possibilidades de se pensar o “outro” na sociedade na qual viveu Hermann Hesse.

Segundo Pierre Ansart:

A alteridade possui um duplo caráter: as condições objetivas produzem alteridades de fato (o outro em idade, em profissão, como membro de uma nação estrangeira...), mas ela também é percebida, imaginada, integrada em um sistema de representações e projeções afetivas. (ANSART, 2009: 125)

Sendo assim, a obra associa o protestantismo, os movimentos políticos de caráter nacionalistas e o próprio modo de vida burguês em ascensão na Europa do final do século XIX, ao isolamento do indivíduo e ao não reconhecimento da alteridade, sobretudo através da criação de estratégias de regulação e controle da alteridade, e da própria maneira de se tratar a diversidade. Demonstra-nos o quanto se intensificava o processo de exclusão do “outro” na cultura ocidental, ao desconsiderar

sistematicamente as diferenças².

No âmbito das aspirações políticas na Alemanha, país de origem de Hermann Hesse, acentuava-se a anulação do “outro”, na medida em que era levado a cabo projetos de construção das identidades nacionais. Difundiam-se, principalmente, a versão discursivas sobre a alteridade que considerava o “outro” como o “inimigo”. Podemos dizer que, tais projetos atingiram certa realização ao extremo com o surgimento do regime nazista, poucos anos após a produção do romance *Demian*.

No âmbito das relações sociais, a expansão do modo de vida burguês imprimia determinadas noções de valores, relegando ao “outro” o papel de “inferior”, “reacionário”, etc. Desconsiderava-se o “outro”, principalmente, através da concepção de distinções de classe a partir do papel de cada um em relação aos processos de produção. Podemos afirmar que, o desenvolvimento das forças produtivas estabeleceu certas transformações nas relações sociais, determinando a cada indivíduo parâmetros para se pensar o “outro” enquanto diferentes.

Em relação ao plano religioso, que é o principal aspecto evidenciado na obra *Demian*, o “outro” era considerado relacionado à origem do mal, “pervertido”, “além das fronteiras civilizadas e civilizáveis”. O controle moral exercido pela doutrina protestante, assim como na maioria das doutrinas cristãs, reforçava a concepção dual de mundo, definindo e confrontando cotidianamente o bem e o mal.

Portanto, é a partir de sua própria experiência em uma sociedade que, de certa forma, conjugava todos os aspectos relacionados acima, que o autor irá, ao longo de sua narrativa, desenvolverá possíveis caminhos para se conceber formas não excludentes de se pensar a relação entre o “eu” e o “outro”.

No entanto, a desconstrução de tais versões discursivas de caráter excludente, ocorre de maneira gradual ao longo do romance aqui analisado. Na medida em que o personagem protagonista supera o condicionamento no qual estava submetido, através da constante reflexão acerca da sua própria realidade, desenvolve também a capacidade de se por no lugar do “outro” através da imaginação³.

Podemos então selecionar três personagens que, a partir do contato com Emil

2 O que queremos dizer com isso é que ao mesmo tempo em que se julga aqueles que não estão em conformidade com determinado “sistema de representações e projeções afetivas” enquanto diferentes, deslegitimamos suas respectivas formas de se ser e viver. Os julgamos diferentes para em seguida não aceitar essa diferença.

3 O que queremos dizer com isso é que o conceito de alteridade aqui considerado, implica na capacidade ou exercício de se colocar no lugar do “outro” através da imaginação. Daí podemos ressaltar a importância da alteridade no que diz respeito a

Sinclair, nos evocam diferentes formas de representar o “outro”. Cada um desses personagens surge na narrativa da obra em momentos distintos, tornando-nos fundamental compreender como as experiências sensíveis do protagonista, em relação a uma série de elementos que permeavam suas noções de valores, determinam as possibilidades de auto-conhecimento e de compreensão do “outro”. Nesse sentido, podemos afirmar que na medida em que o protagonista supera seus preconceitos, através da ampliação de suas noções de mundo, torna-se cada vez mais possível compreender o “outro” em sua totalidade de significados. A experiência do protagonista, sua própria formação individual, torna-se um possível caminho para a própria concepção do conceito de alteridade proposto nesta pesquisa.

O primeiro personagem é Frans Kromer, aluno de má fama e proveniente da escola pública, que representa para Sinclair o “outro” em sua pior faceta, ou seja, o “inimigo”, o “pervertido” e o “inferior”. Através do mesmo o autor expõe uma forma um tanto perigosa de se pensar o “outro”, porém, pode-se afirmar representava a forma mais corrente de se pensar o “outro” enquanto diferente.

O segundo personagem destacado é Demian, que representa outra faceta do “outro”, menos pejorativa, porém ainda relacionada ao desconhecido, ao misterioso; ou como diz a citação introdutória deste capítulo, “o invejado e almejado em seus múltiplos significados”. Demian é um personagem que desperta sentimentos ambíguos no protagonista da obra, despertando novas possibilidades de se pensar o “outro”.

O terceiro e último personagem é Eva. É através do encontro com Eva que Sinclair irá experimentar de fato o conceito de alteridade que queremos evidenciar como a grande contribuição do autor em relação ao assunto. Ao encontrar Eva, Sinclair, já provido de uma bagagem de experiências que lhe permitiam refletir sobre seus próprios valores, pôde de fato se imaginar no lugar do “outro”.

Diante de tais considerações iniciais, resta-nos adentrar na obra para tentar elucidar como se dá a relação entre obra literária e realidade, assim como a relação autor e contexto histórico. Segundo Sevcenko: “As relações entre literatura e realidade oscilaram sempre, trazendo visível a marca da história”.(SEVCENKO, 2003:225).

A sociedade representada na obra *Demian* correspondia a Alemanha do final do século XIX e início do século XX. Em linhas gerais, podemos afirmar que tal sociedade experimentada na obra muito se assemelha ao universo da modernidade, proposto por

Marshall Berman em sua obra: *Tudo que é sólido desmancha no ar*:

Existe um tipo de experiência vital-experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida-que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a humanidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunida de: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. (BERMAN,2007:24)

Podemos perceber, através desta citação, tensões que permeiam a vida dos indivíduos na sociedade moderna, e aplicá-las ao mesmo universo construído pelo autor de *Demian*. É a partir desta situação “ambígua” e “paradoxal” que Emil Sinclair, protagonista da obra, busca respostas em relação aos seus mais profundos anseios existenciais.

Berman ainda distingue cronologicamente as características fundamentais da experiência da modernidade ao longo dos séculos. Segundo o autor:

Na esperança de ter algum controle sobre algo tão vasto quanto a história da modernidade, decidi dividi-la em três fases. Na primeira fase, do início do século XVI até o fim do século XVIII, as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem idéia do que as atingiu... Nossa segunda fase começa com a grande onda revolucionária de 1790. Com a Revolução Francesa e suas reverberações, ganha vida, de maneira abrupta e dramática, um grande e moderno público. Esse público moderno partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política. Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização. (BERMAN,2007:25)

Sendo assim, podemos dizer que a “ambigüidade” proposta pelo autor, gerada pela sensação de viver em dois mundos, é representada como principal conflito experimentado pelo protagonista da obra. É a partir desta dicotomia que o personagem irá experimentar a vida e desenvolver suas noções de indivíduo e de alteridade.

A transformação de tais sentimentos em obra literária nos dão medida do teor

político da mesma. Questiona-se assim as visões de mundo, tais como as formas de se pensar o indivíduo, em vigor na sociedade alemã do final do século XIX, e início do século XX. É através do romance que o autor se posiciona criticamente diante os enfrentamentos próprios de seu tempo, sobretudo em relação a maneira dicotômica à partir da qual estabelecem-se as relações entre indivíduos, e até mesmo entre povos diferentes. Diante disso, podemos afirmar que a compreensão de que o indivíduo moderno traz a dualidade do mundo, será construída gradualmente em *Demian*. É aí que o autor se posiciona politicamente em seu tempo, fazendo de sua obra um veículo de idéias que visam o entendimento mútuo entre os homens.

— Nesse sentido, a introdução da obra é bastante pertinente quanto a justificativa de sua produção literária. Podemos perceber que o autor relaciona a urgência de sua obra como forma de combater a supressão do indivíduo, levada a cabo através de um conjunto de ferramentas de controle ideológicos, exercidos pelo poder coercitivo dos regimes políticos, e pela repressão moral das doutrinas religiosas de seu tempo. Escrever sobre sua história é uma maneira de transcender o isolamento⁴ vivido pelos homens na sociedade, expondo assim diferentes possibilidades de se pensar o indivíduo e a própria questão da alteridade.

Segundo Hesse:

Se não passássemos de indivíduos isolados se cada um de nos pudesse ser varrido por uma bala de fuzil, não haveria sentido algum em escrever histórias. Mas cada homem não é apenas ele mesmo; é também um ponto único, singularíssimo, sempre importante e peculiar, no qual os fenômenos do mundo se cruzam daquela forma uma só vez e nunca mais. Assim a história de cada homem é essencial, eterna e divina, e cada homem, ao viver em alguma parte e cumprir os ditames da natureza, é algo maravilhoso e digno de toda atenção. (HESSE, 1970: 6)

Percebe-se, ainda na introdução, uma profunda crítica ao homem de seu tempo. Hesse utiliza nesse momento, o exemplo da guerra como um sintoma de desconsideração do “outro” levada ao extremo.

Hoje sabe-se cada vez menos o que isso significa, o que seja um homem realmente vivo, e se entregam à morte sob o fogo da metralhadora a milhares de homens, cada um dos quais constitui um ensaio único e precioso da natureza. (HESSE, 1970: 5)

4 Este isolamento representa a condição do indivíduo fechado a outras formas de vida, que não aquela determinada pelo conjunto de valores próprios de seu grupo ou condição social. Seria um indivíduo com uma compreensão parcial dos valores humanos.

É a partir dessa perspectiva que Herman Hesse vai construir o jovem personagem Emil Sinclair, imprimindo nas experiências do mesmo suas próprias reflexões acerca dos possíveis caminhos e descaminhos que levam o indivíduo a compreensão de si mesmo e dos “outros”. Dessa forma, podemos interpretar sua trajetória como uma forma de combate em relação às imposições de determinados valores na sociedade em sua época que, por sua vez, tanto dificultava o entendimento entre os homens e o próprio auto-conhecimento individual.

Primeiramente, vamos tentar elucidar os elementos fundamentais que constituem a temática central da obra, que é a visão dual de mundo concebida pelo protagonista da mesma, e que serve como ponto de partida para uma série de desdobramentos narrados ao longo da obra. Vamos apresentar tal dualidade para logo a seguir buscar os elementos históricos que fundamentam tal construção psíquica por parte do personagem.

O autor inicia a narrativa evocando as diferenças e peculiaridades de cada um dos “dois mundos”. Tais mundos são construções simbólicas da realidade, fruto da elaboração cognitiva e sensitiva de uma criança até então com seus dez anos de idade, e que interpretava as experiências vividas como sendo ou do “mundo luminoso”, seu mundo idealizado, ou do “mundo sombrio”, o “outro” mundo. Portanto, devemos conceber essa dualidade enquanto consequência da construção histórica dos valores e modos de vida em determinado período, que por sua vez influenciaram a construção do “eu” de Emil Sinclair até então.

O primeiro mundo, o “mundo luminoso”, podemos dizer que consistia na representação dos ideais da família burguesa e da doutrina religiosa protestante. Veja como o personagem nos apresenta:

Um se reduzia à casa paterna, e nem mesmo a abarcava toda; Esse mundo era-me perfeitamente conhecido em sua maior parte; suas principais palavras eram papai e mamãe, amor e severidade, exemplo e educação. Seus atributos eram luz, a claridade, a limpeza. As palavras carinhosas, as mãos lavadas, roupas limpas e os bons costumes nele tinham centro. Nele se cantava o coro matutino e se festejava o natal. Nesse mundo havia linhas retas e caminhos que conduziam diretamente ao porvir; havia o dever e a culpa, o remorso e a confissão, o perdão e as boas intenções, o amor e a veneração, os versículos da bíblia e a sabedoria. Nesse mundo devia-se permanecer para que a vida fosse clara e limpa, bela e ordenada. (HESSE, 1970: 9)

Percebe-se que tal mundo representava uma série de valores constituintes da sociedade na qual o personagem fora criado até então. Conforme definia esse mundo,

através da rígida educação protestante a qual era submetido, o personagem relacionava-o à “luz”, ao “bem”. A construção de uma representação simbólica para a família ocidental é a base desta apropriação burguesa-protestante do universo familiar como o espaço do “conforto” e “segurança”, associados ao controle e regulação dos indivíduos. A luminosidade, o “conforto”, a “segurança” e as regras rígidas eram representadas sobretudo pela imagem da casa paterna, através da figura dos pais e das irmãs.

Já o “outro” mundo, o “mundo sombrio”, representava todas as coisas que eram aparentemente incompatíveis com o conjunto de valores formadores do “mundo luminoso”. Podemos perceber, através do trecho a seguir, o quanto esse mundo era mais amplo e desconhecido de nosso personagem.

O outro mundo começava - curioso - em meio à nossa própria casa, mas era completamente diferente: tinha outro odor, falava de maneira diversa, prometia e exigia outras coisas. Nesse segundo universo havia criadas e aprendizes, histórias de fantasmas e rumores de escândalos; havia uma onda multiforme de coisas monstruosas, atraentes, terríveis e enigmáticas, coisas como o matadouro e a prisão, homens embriagados e mulheres escandalosas, vacas que pariam e cavalos que tombavam ao solo; histórias de roubo, assassinatos e suicídios. À nossa volta havia todas essas coisas belas e espantosas, selvagens e cruéis; na rua ao lado, no interior da casa da vizinha, policiais perseguiam ladrões; homens embriagados batiam em suas esposas; grupos de môças saíam das fábricas ao anoitecer [...] enfim, por todo lado brotava e fluía esse outro mundo impetuoso, em todo lado menos em nossos aposentos, ali onde estavam meu pai e minha mãe. (HESSE, 1970: 10)

Nesse sentido, podemos enquadrar no mundo sombrio todos aqueles que ocupavam lugares de menor prestígio na sociedade burguesa, tais como as empregadas, os alunos da escola pública, as operárias das fábricas, etc...; assim como aqueles que transgrediam os princípios religiosos em questão como assassinos, boêmios, vagabundos, etc... Além dos valores morais e religiosos, podemos destacar nesse momento como a distinção social influenciava profundamente a noção de indivíduo de Sinclair até o momento.

Nota-se que a divisão entre mundo “luminoso” e mundo “sombrio” já pode ser considerado como um sintoma da rejeição da alteridade. Sugere assim um distanciamento entre o “eu”, relacionado ao mundo luminoso, e o “outro”, representado pelo mundo sombrio. É na medida em que o personagem desconstrói tal dualidade que podemos perceber a importância da alteridade para a formação do indivíduo em sua totalidade.

Não obstante, ambos os “mundos” coexistiam intimamente no interior da vida

cotidiana do protagonista. O primeiro o remetia, até então, à ordem, conforto, paz, etc... Enquanto que o segundo trazia mistério, violência. O primeiro era indispensável, porém, o segundo era misterioso, perigoso e instigante. Percebe-se, no trecho a seguir, a dinâmica em que se dava a relação entre os diferentes mundos:

Era maravilhoso que ali em casa houvesse paz, ordem, repouso, deveres cumpridos e consciência tranqüila, perdão e amor...;mas era também admirável que existisse aquilo tudo mais: o estrepitoso e o agudo, o sombrio e o violento, de que se podia escapar imediatamente, refugiando-se quase de um salto no regaço maternal". (HESSE, 1970: 10)

Nota-se que, apesar de coexistirem, as fronteiras entre ambos os mundos fora bem definida pelo personagem até então, que, mesmo cortejando com o "mundo sombrio" sempre retornava ao "mundo luminoso" quando conveniente ou necessário. Percebe-se, assim, que o protagonista, fruto dos valores próprios do mundo "luminoso", ainda não consegue conceber o "outro" em sua alteridade. O retorno ao mundo luminoso significava a não aceitação do "outro", ou seja, a "ambigüidade" de se viver em dois mundos distintos não era ainda entendida como condição historicamente construída, mas sim como elemento natural que o distinguia enquanto indivíduo.

No entanto, em outra passagem, logo no início da obra, podemos notar o forte poder de atração que esse mundo "sombrio" exercia no personagem, em contraponto as enraizadas determinações ideológicas do mundo "luminoso".

Chegou a haver temporadas inteiras em que eu preferia viver naquele mundo proibido, e o retorno à claridade, ainda que necessário e conveniente, chegava a ser para mim quase que um retorno a algo menos belo, mais vazio e aborrecido. (HESSE, 1970: 11)

Percebe-se que o personagem já demonstra sinais de inquietação com o próprio condicionamento no qual estava submetido, apesar de ainda não conseguir enxergar a si próprio como pertencente ao mundo em sua totalidade. No trecho a seguir, percebe-se o quanto o refugio ao "mundo luminoso" só era possível em decorrência da anulação do "outro", ou seja, o personagem isola o "outro" delimitando seu espaço de pertencimento: *"Quando pensava no diabo, podia imagina-lo a andar pelas ruas, mascarado ou com face descoberta, no mercado ou nas tabernas, mas nunca em nossa casa"*. (HESSE, 1970: 11)

Nesse sentido, a figuração do outro, dentro do conjunto de valores do personagem e da própria sociedade na qual o mesmo está inserido, se caracteriza, neste momento, pelo

sentimento de estranhamento. Tais valores são caracterizados pelo poder de imprimir determinadas formas de conduta e pensamento, visando a anulação de quaisquer outras formas que contraponham os mesmos, ou seja, caracterizam -se por desconsiderar a alteridade.

Os conflitos gerados na consciência do personagem em decorrência da concepção dual do mundo refletem a dificuldade dos indivíduos de uma época em conceber figurações do “outro” que não partam de versões discursivas excludentes. Podemos dizer que nesse início de obra, o que nos é apresentado é um personagem que nos sugere uma noção de indivíduo que será paulatinamente superada ao longo da mesma. Esta noção considera o indivíduo enquanto um ser pertencente a um determinado grupo, sendo este grupo distinguido por uma série de códigos de valores que afirmam seus significados através da anulação dos “outros”.

Perceberemos, no decorrer deste capítulo, como esta noção de indivíduo é transformada a medida em que o mesmo extrapola certas normas de conduta e códigos de valores caminhando assim, paulatinamente, em direção a construção de um conceito de indivíduo diferente, capaz de reconhecer o “outro” em sua alteridade. No entanto, nesse primeiro momento, marcado pelo encontro com Franz Kromer, que podemos observar como o autor utiliza as próprias limitações de Emil Sinclair, fruto do condicionamento exercido sobre os indivíduos de sua sociedade, para iniciar sua crítica em relação a mesma.

É através da passagem a seguir que Emil Sinclair deixa-nos transparecer seus sentimentos em reação ao “outro”, ou seja, diante o personagem de Franz Kromer:

Eu me sentia bastante constrangido em sua companhia, não porque soubesse que meus pais haveriam de proibir-me terminantemente quaisquer relações com ele, tão logo tivessem conhecimento daquele primeiro encontro, mas principalmente porque a pessoa de Franz me inspirava receio. (HESSE, 1970: 13)

É no primeiro capítulo que o protagonista vive uma experiência que marca o início de um processo de profundas transformações na maneira como concebia suas noções de indivíduo e alteridade. O encontro com Franz Kromer, personagem que representava o “mundo sombrio”, abala a barreira psíquica de Emil Sinclair, que mantinha até então bem definida as fronteiras entre os “dois mundos”. Podemos afirmar que até esse momento, Sinclair representa um tipo de indivíduo em profundo estado de condicionamento.

À partir de tal encontro, o personagem relaciona-se com o “mundo sombrio” de forma que o retorno ao “mundo luminoso”, tal como o ocorria até então, não se torna mais possível. Emil Sinclair se vê pela primeira vez pertencente de fato ao “mundo sombrio”, antes considerado o lugar do “outro”, do diferente. Podemos citar essa experiência como um importante meio de auto-conhecimento, vista o impacto interior gerado em Sinclair.

Em tal encontro, Sinclair inventa uma mentira para impressionar Kromer. Como se não bastasse a mentira para trazer à tona o remorso e o sentimento de culpa, Sinclair ainda se torna vítima constante das malvadezas de Kromer. O “mundo sombrio” era agora mais perigoso que nunca, ao passo que o “mundo luminoso” se tornava cada vez mais distante. Segundo Sinclair:

Chegara, talvez, a uma encruzilhada decisiva e talvez desde aquele mesmo instante teria que pertencer para sempre à facção dos maus; teria que compartilhar dos seus segredos, estar subordinado à eles, obedecer-lhes e tornar-me seu igual. (HESSE, 1970: 19)

Após ter “dado a mão ao diabo” (HESSE, 1970: 18), adentrando-se intimamente no mundo “sombrio”, Sinclair admite sua experiência enquanto uma forma de transgressão, contemplando sentimentos estranhos em relação a sua vida anterior a tal acontecimento. Percebe-se como o autor reconhece os malefícios do condicionamento dos indivíduos, quando experimentar o diferente é considerado uma forma de transgressão e não uma experiência profícua ao indivíduo.

Eu próprio me senti naquele instante aterrorizado diante daquele novo sentimento. Quisera ter-me atirado aos pés de meu pai e beijá-los como prova de arrependimento e adesão. Mas impossível é a retratação de alguma coisa essencial, e isso a criança sente e sabe tão bem quanto qualquer pessoa culta... Experimentava a necessidade de pensar com calma sobre meu problema e buscar uma saída para o dia seguinte; mas nada pude fazer. Passei o resto da tarde entregue à tarefa de acostumar-me com o novo ambiente de meu quarto. O relógio grande, a mesa, a bíblia e o espelho, as estantes cheias de livros e os quadros da parede pareciam dar-me as despedidas. Tive de presenciar, com o coração gelado, como se precipitava no passado e se desligava de mim todo aquele mundo, toda a minha existência anterior, ditosa e boa, ao passo que já me sentia preso dentro de outro universo obscuro e ignorado, com novas raízes que me aderiam a ele e absorviam sua seiva venenosa. Pela primeira vez saboreei a morte. Tinha um gosto amargo. Pois a morte é nascimento, é angústia e medo ante uma renovação aterradora. (HESSE, 1970: 20)

Nesse sentido, podemos interpretar a “angustia” e o “medo” enfrentado pelo protagonista, como sendo um sintoma da maneira excludente através da qual se pensava o “outro”. O episódio com Kromer, de certa forma, fez com que Sinclair experimentasse efetivamente o “mundo sombrio”, e com isso pudesse olhar seu próprio mundo “luminoso” de forma crítica.

De todo esse episódio, ou melhor, da parte que venho relatando, aquele foi o momento principal e inesquecível. Foi a primeira falhá (sic!) que percebi na perfeição de meu pai, a primeira rachadura nos fundamentos sobre os quais descansara a minha infância e que o homem tem que destruir para poder chegar a si mesmo. Desses acontecimentos, que ninguém percebe, é que se nutre a linha axial interna de nosso destino. A falha (sic!), a rachadura, se fecham mais tarde; podem cicatrizar e cair no esquecimento; mas em nossa câmara secreta mais recôndita nunca cessam de sangrar. (HESSE, 1970: 20)

Após o primeiro encontro com Kromer, Sinclair passa a viver um verdadeiro inferno astral. É por ainda não conseguir reconhecer a “diferença”, que o personagem sente o remorso de experimentar o “outro” mundo. Como se não bastasse a mentira inventada no primeiro encontro, o personagem se torna vítima constante das malvadezas de Kromer, sendo impelido a realizar outros pequenos delitos. Esse período marcou profundamente a vida de Sinclair, como podemos notar no trecho a seguir:

Muitos se recusarão a acreditar que uma criança de onze anos incompletos possa sentir dessa maneira. Não é para esses que escrevo, mas para aqueles que conhecem melhor o ser humano. O adulto, que aprendeu a converter em conceitos uma parte de seu sentimento, menospreza tais conceitos na criança e termina por opinar que não existiram também os sentimentos que lhe deram origem. De minha parte, posso dizer que poucas vezes na vida vivi e padei tão intensamente como naqueles tempos. (HESSE, 1970: 37)

A sensação de adentramento no “mundo sombrio” e o consequente desmoronamento do “mundo luminoso” ocorreu de tal forma impactante que o protagonista descreve seu estado da seguinte forma:

Durante aquela época meu estado de saúde foi como uma espécie de demência. Em meio à ordenada paz da nossa casa, eu vivia esquivo e torturado como um espectro; não tomava parte na vida dos demais, e só excepcionalmente conseguia esquecer durante uma hora o pesadelo. (HESSE, 1970: 26)

Podemos notar que uma série de rituais religiosos e relações em família, carregados outrora de profundos significados adquirem agora um caráter meramente formal.

Por fim, chegou a hora de deitar-me. Mas antes tive que passar por outra dura

prova, como um ultimo fogo do purgatório: as preces noturnas, em que se cantou um dos hinos que mais me agradavam. Impossível unir a minha voz às demais; cada nota era para mim fel ou veneno. Quando meu pai começou a pronunciar a ação de graças, meus lábios emudeceram; e quando terminou com a frase: "...não retireis de nos a vossa benção", notei com brusco sobressalto que algo me afastava da comunidade familiar. A graça de Deus estava com todos eles, mas se havia ausentado de mim. (HESSE, 1970: 20)

Portanto, o contato com Franz Kromer desencadeou em Emil Sinclair um processo de auto-reflexão, deixando o espírito de Sinclair propenso a novas explicações para seus mais profundos anseios. É a partir deste estado de incertezas e angustia, que Sinclair conhece Demian, personagem que contribuirá para a superação do estado emocional doentio em que o protagonista se encontrava, após romper efetivamente com certos valores que o definiam enquanto indivíduo até então.

Vejamos, então, que o mergulho no mundo real, em sua totalidade, ocorre a partir do contato com dois personagens, porém cada qual de maneira e com conseqüências distintas. O episódio com Franz Kromer fez com que Sinclair experimentasse efetivamente o mundo "sombrio", considerando a si mesmo como o "outro" "inferior" e "perverso". O desmoronamento interno de Sinclair é o estopim de um processo que determina o auto-conhecimento, através do choque da descoberta de que não se é inteiramente iluminado conforme pensava ser.

Demian, por sua vez, foi o grande responsável pelo arrebatamento causado pela sedução do "outro" lado anteriormente desconhecido ou reprimido, um lado constantemente evocado pelos sentidos, menos organizado e menos moral, e, todavia, recusado até então. Demian, diferentemente de Franz Kromer, representava o "outro" não mais enquanto o "inimigo", mas sim "como um outro invejado e almejado em seus múltiplos significados".

Esse rompimento com o mundo familiar, fruto de impulsos que partiam sempre do "mundo sombrio", trazendo sempre consigo o medo, a violência e o remorso", irá marcar, para o personagem, o que podemos chamar seu primeiro "renascimento"⁵. Ali morre a infância de Emil Sinclair, sua total adaptação ao mundo luminoso, sua aderência ao modelo burguês-protestante, para nascer um outro, um homem revigorado,

5 A idéia de renascimento é cara ao autor. Aparece neste momento uma idéia fundamental para a compreensão da idéia de indivíduo do autor; a idéia de que a morte dos valores constituintes do "mundo luminoso" significava, de certa forma, o renascimento do indivíduo. Eis a idéia chave da obra: para realizar-nos enquanto indivíduos livres, temos que destruir um mundo pré-concebido. Como destruímos esse "mundo primitivo"? Neste caso, isso só se tornou possível através da experiência de alteridade e vice-versa.

liberto do mundo anterior pela experiência do mal, pela dor do remorso, pela busca de um outro estilo de vida que não tão previsível, abarrotado de conveniências, e que agora se apresentava tão superficial, limitado.

Percebe-se que a relação com este mundo novo é marcado pela ausência de convenções não é tranqüila, e sim permeada com angústia e sofrimento. “Era quase um prazer experimentar aqueles tormentos”, diz Sinclair, para a seguir confessar: “Mas apesar de tudo eu me sentia miserável”. A dor é então um caminho, uma via de transformação e possibilidade de acesso para a interiorização e a busca de si. Assim, resigna-se Sinclair: “São muitos os caminhos pelos quais Deus pode nos conduzir à solidão e levar-nos a nós mesmos. Por um desses caminhos conduziu-me então. Foi como um sonho mau”.

Sinclair iria se livrar do jugo de Kromer através da ajuda de Demian. Porém, esse seria apenas o começo de uma nova fase de descobertas.

O fim daquele suplicio e a minha salvação me chegaram de onde menos esperava, e com isso entrou em minha vida algo novo, algo que ate hoje continua atuando sobre mim. (HESSE, 1970: 29)

Observa-se como Emil Sinclair encontra não só solução de seu problema com Franz Komer, como também compartilha de algo maior, um encontro que atinge suas mais profundas expectativas religiosas. Tal encontro refere-se ao contato com uma nova perspectiva religiosa e moral, personificada na obra através do personagem Demian.

Tomemos pois o primeiro diálogo entre ambos como exemplo do que foi dito. O primeiro diálogo de Sinclair com Demian é a respeito da passagem bíblica sobre Abel e Caim. Demian levanta a possibilidade de outra interpretação para tal episódio, contrapondo a narração bíblica. Diz Demian:

Creio que a história de Caim também pode ser interpretada de outra maneira, de um modo completamente diferente. A maioria das coisas que nos explicam no colégio são, sem duvida, verdadeiras, mas também podem ser consideradas de um ponto de vista diferente daqueles dos professores, e então passam a apresentar quase sempre um significado muito mais amplo. Por exemplo; essa historia de Caim, o homem que tinha um sinal na fronte, não poderia nunca satisfazer-nos tal como é ensinada (HESSE, 1970: 11)

Porém, apesar de certa desconfiança e medo perante o novo, Sinclair se sente cada vez mais intrigado pelas idéias que vem do “outro mundo”, ou seja, idéias que emanam da pessoa de Demian e que contrariavam os princípios básicos do “mundo luminoso”.

Durante muito tempo, a história de Caim, o crime e o sinal, foram a origem de todas as minhas tentativas de conhecimento, de todas as minhas dúvidas e críticas (HESSE, 1970: 34)

É através da desconstrução gradual do exemplo bíblico que Sinclair passa a procurar por respostas aos seus anseios, não mais a partir das crenças e dos códigos de valores estabelecidos ao longo de sua infância, mas no interior de seu próprio ser. A teoria de Demian a respeito da história de Abel e Caim não tocou Sinclair apenas pela simples inversão do sentido bíblico; a própria figura de Demian suscitava no protagonista sentimentos novos, contraditórios, e não obstante, reveladores. Esse encontro propiciou ao protagonista a possibilidade de começar a se pensar o “outro” de uma forma mais ampla e profunda. A metáfora da marca de caim é exatamente sobre isso, sobre aceitar as diferenças dos “outros”.

Todavia, em meu interior havia algo que se recusava a aceitar de modo definitivo as opiniões de Demian. Eu vivia num mundo claro e pulcro, havia sido uma espécie de Abel e agora mergulhava profundamente no “outro”; caíra muito baixo, certamente; mas não era, em última instância, tão culpado. Como se explicava? (HESSE, 1970: 34)

Sinclair encontra em Demian uma espécie de guia que, personificava um indivíduo diferente, porém, semelhante ao indivíduo de seus anseios. Além dos inúmeros sinais que distinguiam Demian dos demais garotos do colégio, a versão para a narração bíblica sobre Abel e Caim revelada por Demian, marca profundamente o protagonista. É através dessa versão que Demian apresenta a Sinclair, até então, abatido por sentimento de culpa e remorso, uma reflexão chave para se pensar o mundo e o próprio ser humano.

Em uma outra passagem no terceiro capítulo, Demian penetra de vez os mais íntimos pensamentos de Sinclair a respeito de bem e do mal, introduzindo o mesmo na “corrente das grandes idéias”. Porém tal descoberta, lança Sinclair definitivamente no mundo real, onde passaria por profundos estágios de isolamento e solidão em busca da construção de sua personalidade. Era esse o preço a ser pago por romper com os valores dominantes em seu refúgio familiar e na própria sociedade à seu redor.

Em tal passagem, Demian propõe outra versão para outra passagem bíblica, cuja qual havia sido apresentada durante uma das aulas sobre religião. Tal passagem, encontrada no terceiro capítulo da obra, se refere a narração bíblica dos dois ladrões na paixão e morte do redentor. Assim como na passagem de Abel e Caim, a inversão de valores na interpretação de mesma “ameaçavam derrubar” no personagem, “conceitos

que não eram fáceis abandonar” (HESSE, 1970: 60) Tal interpretação era a seguinte:

O espetáculo das três cruzeiras erguendo-se juntas sobre a colina é verdadeiramente sublime! Mas em seguida vem aquela história sentimental do bom ladrão! Durante toda a vida foi um criminoso, cometeu sabe-se lá quantas infâmias e agora se derrete e chora arrependimento e contrito! Podes dizer-me que sentido existe nesse arrependimento a dois passos do sepulcro? A história não passa de um caso devoto, alambicado e falso, untuosamente comovida e com um fundo edificante. Se tivesse tivesse que escolher hoje por um amigo a um dos dois ladrões ou meditar sobre qual deles poderia depositar melhor tua confiança, decerto não escolherias esse choramingas converso. Escolherias, sem dúvida, ao outro, que é um indivíduo de caráter. Desdenha uma conversão que já não pode ter qualquer valor naquele momento, segue seu caminho até o fim e não abandona covardemente, no último instante, do Diabo, que o vinha ajudando até então. Talvez tenha sido também um descendente de Caim. (HESSE, 1970:59-60)

Além da nova possibilidade de interpretação, Demian segue o diálogo aprofundando dilemas religiosos, apresentando de forma implícita, uma nova noção de existência:

Mas ouve-me ainda um momento: esse é um dos pontos em que se vê mais claramente os defeitos da religião. Esse Deus da antiga e da nova Aliança, antes de tudo, uma figura extraordinária, mas não o que realmente deveria ser. Representa o bom, o nobre, o paternal, o belo e também o elevado e o sentimental - esta bem! Mas o mundo se compõe também de outras coisas. E todas essas coisas são simplesmente atribuídas ao Diabo; toda essa parte do mundo, toda essa outra metade é encoberta e silenciada...Não faço a menor objeção a que se adore esse Deus Jeová. Mas creio que devemos adorar e santificar o mundo inteiro em sua plenitude total e não apenas essa metade oficial, artificialmente dissociada. Portanto, ao lado do culto de Deus devíamos celebrar o culto ao Demônio. Isto seria o certo. Ou mesmo criar um deus que integrasse em si também o demônio e diante do qual não tivéssemos que cerrar os olhos para não ver as coisas mais naturais do mundo”. (HESSE, 1970:60)

Essas palavras marcaram profundamente Sinclair e sua visão dual de mundo. Foi assim que Sinclair começou a reconciliar seus anseios individuais à novos sentimentos religiosos. A liberdade de interpretação dos escritos bíblicos representa um forte impacto na maneira como Sinclair concebia sua religiosidade até então. Percebe-se como o indivíduo caminha para si mesmo pela via da religião a medida em que Sinclair abraça a causa do deus Abraxás, divindade que conjuga os dois mundos, o “luminoso” e “sombrio”, e representa a própria condição humana.

A visão de que cada homem é ao mesmo tempo bom e mau, trazendo dentro de si os dois mundos, é chave para compreendermos a trajetória de Sinclair. A respeito disso, temos as palavras do próprio, ao ser apresentado por Demian à idéia síntese de Abraxás,

espécie de Deus que conjuga o bem e o mal na mesma divindade. A idéia de conjunção entre Deus e o Diabo implica numa nova perspectiva de alteridade no âmbito do universo religioso. Vejamos como esse diálogo penetra profundamente na concepção dual de mundo do personagem:

Contudo suas palavras haviam atingido em mim o enigma que durante os meus anos de juventude me acompanhara por todas as horas e sobre o qual nunca dissera a ninguém qualquer palavra. O que Demian sabia sobre Deus e o Diabo, sobre o mundo oficialmente divino e o mundo demoníaco, era exatamente meu próprio pensamento, meu próprio mito, minha concepção dos dois mundos: o luminoso e o sombrio. A descoberta de que o meu problema era um problema de todos os homens, um problema de toda a vida e de todo pensamento, pairou sobre mim de súbito como uma sombra divina, e me senti penetrado de temeroso respeito ao perceber o quão profundamente minha própria vida e meu pensamento participavam da corrente eterna das grandes idéias. Essa descoberta, feliz e satisfatória quanto ao confirmar minhas concepções, não foi, contudo, um fato alegre. Era uma descoberta dura e tinha áspero sabor, pois trazia consigo um princípio de responsabilidade, um adeus definitivo à infância e um anúncio de solidão e isolamento. (HESSE, 1970: 61)

Após este período de contato com Demian, Sinclair parte para dar continuidade aos seus estudos em uma outra cidade, intrigado com mistério introduzido pela figura de Demian. Pela primeira enfrentaria o mundo sozinho, longe abrigo paternal, intrigado pelos mistérios imanados pelo personagem Demian.

Era assim que Sinclair se sentia após a partida para X, local onde daria continuidade aos seus estudos, e após o distanciamento de Demian, que partira de viagem.

O extraordinário vazio e a mortal solidão que senti pela primeira vez nas férias seguintes à minha confirmação (como os conheci mais tarde esse vazio, esse ar rarefeito!), não deviam desaparecer tão cedo. O adeus ao lar foi-me estranhamente fácil, tão fácil que eu mesmo me envergonhei com a indiferença, pois minhas irmãs choravam sem cessar e eu não podia. Estava assombrado comigo mesmo. Até então não podia ser tachado de insensível e havia sido, no fundo, um bom menino. Agora estava totalmente mudado. Indiferente ao mundo exterior, passava os dias ouvindo o rumor das correntes obscuras e proibidas, que fluíam em mim, subterrâneas. (HESSE, 1970:69-70)

A partir daí, a “realização do impulso para qual todo homem deve voltar-se” se transforma em uma reação ao mundo objetivo, externo a ele, configurando assim modelos de renascimento subjetivo. Dentre uma dessas formas podemos destacar a boemia, na qual o protagonista se dedicou em seus primeiros anos após a saída da casa de seus pais e do distanciamento de Demian. Sinclair experimentava sensações próprias dos indivíduos tido como marginais, relacionados ao “outro” mundo. Assim, Sinclair

inicia-se nos prazeres e mistérios da boemia, saboreando a rebeldia e a confusão emocional que esta incursão pelo mundo proibido lhe proporcionava. Não se sentia satisfeito integralmente com seu comportamento, porém sentia que essa era a forma possível de protesto contra o mundo.

Sinclair assim descreve suas sensações após o primeiro contato com a vida boêmia:

Aquela primeira bebedeira não foi a última. Entre os alunos do colégio estava muito difundida a paixão do vinho e havia um grupo que passava noites nos cafés bebendo e arruaçando. Eu era um dos mais jovens do grupo, mas em pouco tempo deixei de ser considerado um garoto, a quem os mais velhos toleram em sua companhia, para transformar-me num dos chefes, num bebedor famoso e atrevido. Pertencia novamente e por completo ao mundo sombrio, ao demoníaco, e nele ocupava um lugar de destaque. (HESSE, 1970:74)

Em um breve encontro de Sinclair com Demian, durante essa fase boemia do protagonista, nota-se que, apesar de não aprovar totalmente a vida boemia, Demian interpreta tal fase da vida de Sinclair como necessária para o desprendimento em relação a seus antigos valores morais e para o próprio auto-conhecimento. É através da passagem a seguir que Demian enxerga um sentido para a entrega de Sinclair aos prazeres da libertinagem:

Seja como for, a vida de um ébrio ou de um libertino deve ser provavelmente mais intensa que a de um burguês exemplar. E, além disso - li-o não sei onde - a vida de libertino é uma das melhores preparações para o misticismo. Sempre são indivíduos como Santo Agostinho que logo se tornam videntes. Também ele começou entregando-se ao prazer. (HESSE, 1970:84)

No entanto, segue-se a narrativa e o protagonista oscilando entre sentimentos tanto do mundo “luminoso”, quanto do mundo “sombrio”. Apesar dos ensinamentos absorvidos de Demian, Sinclair ainda não destruiu completamente a visão dual de mundo. Quando e como seria então possível se livrar de tal concepção de mundo, absorvendo as diferenças entre os homens?

Será somente nos dois últimos capítulos da obra que Sinclair ira conjugar definitivamente os dois mundos, ora incompatíveis, em um mundo só, nos propondo uma nova idéia de humanidade na qual seria possível e desejável assimilar todos os indivíduos e suas diferenças. O que havíamos encontramos na obra até então foi fragmentos do percurso que o protagonista Sinclair percorre, desconstruindo paulatinamente suas noções de mundo concebidas inicialmente. Podemos assim encarar

esse processo como uma condição fundamental para o reconhecimento do “outro” em sua alteridade. Somente é possível reconhecer o diferente na medida em que rompemos com valores e normas que nos condicionam.

O conceito de indivíduo construído ao longo da obra, que encontra em si a ambigüidade do mundo, é fundamental para que a alteridade seja experimentada enquanto um elemento que contribua para o desenvolvimento pleno da humanidade. Podemos ver na passagem a seguir, como o autor concebe a urgência desse novo tipo de indivíduo, criticando profundamente àqueles que se prendem à códigos de valores e normas pré-estabelecidas:

Éramos pessoas que havíamos despertado ou despertávamos, e nossa aspiração era chegar a uma vigília ainda mais perfeita, enquanto que a aspiração e a felicidade dos demais consistia em ligar cada vez mais estreitamente suas opiniões, seus ideais e seus deveres, sua vida e sua fortuna, aos do rebanho. Também aqui havia um impulso, havia força e grandeza. Mas enquanto nós, os marcados, representávamos a vontade da natureza em direção ao indivíduo e o futuro, os demais viviam numa vontade de permanência. Para eles a humanidade - que amavam tanto quanto nós - era algo completo que deveria ser conservado e protegido. Para nós, a humanidade era um futuro distante para o qual todos caminhávamos, sem que ninguém conhecesse sua imagem e sem que se encontrassem escritas suas leis em parte alguma. (HESSE, 1970:142)

Ao criticar as noções de humanidade como algo que deveria ser “conservado” e “protegido”, podemos interpretar que a conservação e proteção pressupõe a recusa ao novo e, sobretudo, ao diferente. Segundo Sinclair, tomado por sentimentos ambíguos e novos, que encontravam respaldo através da figura de Eva: “nosso trabalho era erguer no mundo uma ilha, talvez um exemplo e, quando não, o anuncio de uma possibilidade diferente”. (HESSE, 1970:142)

Nesse sentido, podemos destacar um trecho em que nos é revelado alguns caminhos para o desenvolvimento pleno dos indivíduos, presentes em tal período histórico.

Além de nós três - Eva, Demian e Eu - pertenciam, mais ou menos estreitamente, a nosso círculo outras varias pessoas inquietas de categorias diversas. Entre elas havia astrólogos e cabalistas, um discípulo de Tolstoi e toda a espécie de indivíduos sensíveis, delicados e tímidos, adeptos de novas seitas, naturalistas e vegetarianos....Traziam livros, traduziam para nós textos em línguas antigas, mostravam-nos reproduções de símbolos e ritos passados. (HESSE, 1970:142-143)

Com isso, podemos observar certa referência ao universo dos letrados. Situa, assim, suas próprias inquietações no âmbito do pensamento intelectual de sua época.

Em relação a Eva, podemos perceber através do trecho a seguir, como a mesma despertava em Sinclair a percepção do “outro” de forma que ele próprio pudesse reconhecer a si mesmo enquanto pertencente ao mundo em suas múltiplas possibilidades. Eva estava além de qualquer explicação racional, ou seja, não havia definição que a explicasse em sua totalidade, pois incorporava de forma harmoniosa toda a ambigüidade do mundo do protagonista.

Segundo Sinclair:

Meu amor por Eva parecia ser o conteúdo único de minha vida. Mas a cada dia era diverso. Às vezes achava que não era sua pessoa ao que meu ser aspirava, atraído, não sendo ela senão um símbolo de meu próprio interior., que tendia somente a conduzir-me mais profundamente para dentro de mim. Com freqüência ouvia dela palavras que me soavam como respostas de meu inconsciente a espinhosas interrogações em mim surgidas. Trecho p. (HESSE, 1970:146-147)

A “mãe de todas as criaturas”, como dizia Sinclair, representa a possibilidade e o anseio de se encontrar no indivíduo todas as aspirações possíveis dos seres humanos; sejam relacionadas aos aspectos antes considerados “sombrio” para o protagonista, sejam em relação aos aspectos “luminosos”. É esse indivíduo, livre para fazer suas próprias escolhas, que constantemente é combatido na sociedade representada através da obra. Um indivíduo que, apesar de único, lança mão dos termos “eu” e “outro”, para se sentir completo no termo “nós”. Porém, não “nós” enquanto pertencentes a uma determinada forma de coletividade, mas sim como integrantes de uma mesma experiência de humanidade. Um indivíduo avesso a qualquer forma de violência e intolerância.

É nesse momento que, o Sinclair representa um indivíduo preparado para lidar com o “outro”, visto, sobretudo, a riqueza de suas próprias experiências de vida. Percebe-se através da obra de Hesse, um ideal de comunidade humana, em que fossem respeitados diferentes elementos da personalidade, e, de maneira harmoniosa, cada um pudesse experimentar livremente a vida, em busca da realização individual.

Todos temos origens comuns: as mães; todos proviemos do mesmo abismo, mas cada um, resultado de uma tentativa ou de um impulso inicial, tende a seu próprio fim. Assim é que podemos entender-nos uns aos outros, mas somente a si mesmo pode cada um interpretar-se. Trecho p. (HESSE, 1970: 6)

Essa é a grande mensagem da obra. A idealização da humanidade fundamentada no conhecimento mútuo entre os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de trazer, nesse momento, algumas conclusões a respeito do trabalho de pesquisa realizado, refletindo sobre o alcance da mesma em relação à temática proposta, e sobre possíveis lacunas deixadas ao longo da construção do texto.

Em primeiro lugar, cabe lembrar que a questão da alteridade não está posta na obra de maneira explícita ou incisiva. Daí que esta análise representa uma forma de interpretar a obra *Demian*, buscando significados que satisfaçam nossas inquietações do presente. O que podemos sugerir é um duplo caminho descrito na obra, na qual o autor nos sugere um tipo de indivíduo que desenvolve um poder de imaginação, fundamental para uma melhor compreensão do “outro”, através de um movimento que requer rupturas no sentido do indivíduo precisar sair de si, se por no lugar do “outro”, para se reencontrar em sua totalidade. Na medida em que o protagonista da obra experimenta empiricamente esse processo, concebe assim outra noção sobre a ideia de humanidade, em que as diferenças entre o “eu” e o “outro”, são aceitáveis e, sobretudo, inerentes ao pleno desenvolvimento dos indivíduos e da própria humanidade.

Nesse sentido, o que *Demian* nos apresentou foram elementos próprios de uma realidade histórica, que representam simbolicamente forças presentes no cotidiano das relações em sociedade, e que, por sua vez, determinam em diversos planos da vida dos indivíduos, formas de se pensar o “eu” e o “outro”. No entanto, fazendo uma auto-crítica, esta pesquisa deixou muitas lacunas na medida em que mergulhou intensamente na obra, não trazendo satisfatoriamente à tona discussões próprias do período histórico em si. Creio que tanto o protestantismo, quanto a ascensão do capitalismo e as políticas nacionalistas dariam, cada qual à sua maneira, importantes temas a serem trabalhados em relação a questão da alteridade. O que posso deixar como sugestão para uma pesquisa posterior é uma melhor compreensão de como a temática da alteridade aparece em trabalhos correspondentes ao período retratado na obra, ou seja, do final do século XIX, e primeira metade do século XX.

Em relação ao primeiro capítulo, foram levantado alguns aspectos da vida e da obra de Hesse de uma forma geral. Acredito que foi importante fazer uma síntese da trajetória do autor, expondo diferentes percepções a respeito da repercussão das obras do mesmo no decorrer do século XX. No entanto, não foi possível contemplar nos autores analisados referências diretas à questão da alteridade. Apesar de toda a

diversidade de questões postas pela crítica literária, questionei, neste momento da pesquisa, se não estava abordando um tema um tanto quanto abstrato para uma pesquisa de monografia. Porém, foi com muita confiança na relevância de tal temática que me limitei, neste capítulo, a refletir sobre a importância do autor na literatura. Assim, creio que o primeiro capítulo serviu como um pano de fundo para assegurar a importância do autor, enquanto um crítico profundo e referenciado em seu tempo e nos próprios dias atuais. Sendo assim, as próprias dificuldades da pesquisa, nos coloca desafios inerentes ao ofício do historiador, tais como angariar e interpretar as fontes.

Em relação ao segundo capítulo que, por sua vez, encerra o objetivo principal desta pesquisa, podemos pontuar avanços e lacunas deixadas. Considerando a obra *Demian*, enquanto inovadora em relação aos escritos anteriores do autor, podemos notar a urgência de se pensar o “eu” no período histórico vivido pelo mesmo, sobretudo pelo foco dado na questão do indivíduo durante a construção da narrativa. Assim, este enfoque permite ao historiador entender a história como um processo multifacetado, eliminando a ideia de que a história surge a partir de marcos históricos. Permite, ainda, entender a história como um processo de construção social coletiva, nos chamando atenção para o fato de que somos responsáveis pela produção de nossa própria história.

Por outro lado, creio que ficou uma lacuna, que por razões de tempo para pesquisa, deixou em aberto questões referentes à possibilidade de diálogo entre Herman Hesse, e outros importantes escritores; especificamente em relação à questão da alteridade. Fica então apenas as sugestões levantadas pela crítica no primeiro capítulo. Apesar de não ter encontrado referências específicas sobre a relação de *Demian* a obras de outros autores, as questões encontradas na mesma permeiam outras obras de Hesse. Com isso, encontramos a possibilidade de um diálogo profícuo entre a obra *Demian* e outros autores.

Ainda sobre o segundo capítulo, acredito que a escolha dos personagens analisados contribuiu para trazer a questão da alteridade para o âmbito da vida cotidiana. Partindo da realidade histórica construída na obra, evidenciando concepções afetivas em relação ao “outro” no seio de uma mesma sociedade, notamos o quanto a questão da alteridade está presente na vida dos indivíduos.

Dessa forma, podemos sugerir que a história do Ocidente, marcada pela utilização da razão para buscar a verdade do *ser*, consolidou o processo de anulação do *outro* em sua alteridade. As inúmeras guerras, a organização de sistemas ideológicos de cunho

político, religioso e/ou científico, visaram à dominação, à exploração e destruição da alteridade. Hermann Hesse condenava assim a massificação pelo que ela representava de obstáculo na da constituição da verdadeira humanidade, como já descrito anteriormente, somente possível pela imersão em si mesmo, pela singularidade individual.

REFERÊNCIAS (OBRAS, ARTIGOS E RESENHAS)

- BOESCH, B. *História da Literatura Alemã*. São Paulo: Editora Herder, 1967.
- BRINK, C. A Obra de Hesse no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1980. Suplemento Cultural: Letras, p. 11-12.
- BRINK, C. A Obra de Hesse no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1980. Suplemento Cultural: Letras, p. 11-12.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, (1985).Perspectiva, 1996.
- CARPEAUX, Otto Maria. Expressionismo. In: _____. *A literatura alemã*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 194-222.
- CASTRO, Acyr. Hermann Hesse: o centenário de um rebelde não violento. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 4, 2 jul. 1977. Resenha de periódico.
- CASTRO, Nil. *Hermann Hesse e O lobo da estepe: só para loucos*. 21 out. 2003. Disponível em: <<http://www.poppycorn.com.br/artigo.php?tid=259>>. Acesso em 29 dez. 2006.
- COSTA, Flávio Moreira. Roteiro para conhecer Hermann Hesse, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1976.
- ECO, U. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora Vozes, 1999.
- ENNE, A. L. S. O Defensor do indivíduo: Hermann Hesse e o processo de massificação nas primeiras décadas do século XX. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 94-115, 2005.
- HESSE, Hermann. *Demian*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- LAGE, Alfredo. Hesse: Salvação e História II. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 maio 1970.
- MENEZES, Carlos. Na Floresta Negra, há 100 anos, nascia Hermann Hesse. *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 jul. 1977.
- MOISÉS, Ana Maria L. Ioriatti - São Paulo : Companhia das Letras, 2007.
- MORAES, Carlos Dante de. Impressão do *O Lobo da Estepe*. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 2, n. 5, p. 56-60, jun. 1946.
- MOUTINHO, Nogueira. A fantasia e a razão. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1971.
- MOUTINHO, Nogueira. *Rosshalde*: um relato do jovem Hermann Hesse, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1973.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari, MARSON, Izabel Andrade (orgs.) *Figurações do outro na história* - Uberlândia, EDUFU, 2009.
- SCALZO, Nilo. Editorial. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento

Cultural, ano I, n. 38, p. 2.

SEVCENKO, N. *Literatura Como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, (2003). 420 p.

SOUZA, J. P. F. *Um lobo nos trópicos: A Recepção Crítica de Hermann Hesse no Brasil (1935-2005)*. Assis, 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista.

TELES, G. M. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Suplemento Literário, ano 14, n. 669, p. 4.

THEODOR, E. 2. Hesse, Mann e Musil: Hesse, o mais lido do século. In: _____. *Perfis e Sombras: Estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EPU, 1990. p. 79-84.